

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**INFINITO: O ESPAÇO PSÍQUICO NA ADOLESCÊNCIA
ATRAVÉS DO RORSCHACH**

Hugo Gomes Almeida Mathias

Nº Aluno: 15277

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**INFINITO: O ESPAÇO PSÍQUICO NA ADOLESCÊNCIA
ATRAVÉS DO RORSCHACH**

Hugo Gomes Almeida Mathias

Nº Aluno: 15277

Dissertação orientada por Professora Doutora Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



**INFINITO: O ESPAÇO PSÍQUICO NA ADOLESCÊNCIA
ATRAVÉS DO RORSCHACH**

Hugo Gomes Almeida Mathias

Nº Aluno: 15277

Dissertação orientada por Professora Doutora Maria Emília Marques

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

AGRADECIMENTOS

A si, Professora Doutora Emília Marques

A ti, Ana Pereira

A mim...

A vocês, meus Outros reais e virtuais

“(...) e o escuro ruído da chuva é constante em meu pensamento, meu ser é a invisível curva traçada pelo som do vento, que sopra desaforado, cavalo sem freio e à solta, de invisíveis cascos que batem por essas portas e janelas (...) (Saramago, 1984, p.196)”

Resumo – Tendo como base o protocolo Rorschach de um adolescente, o autor deste trabalho procurou estudar, à luz da perspectiva compreensiva, a natureza e a qualidade do espaço psíquico na adolescência. Na esteira de uma conceptualização que atravessa a construção, o desenvolvimento, as estruturas e as funções do espaço psíquico, o presente trabalho inscreve-se no período da adolescência onde uma maior solicitação à negociação entre passado e presente, entre interno e externo, e entre Eu e Outro conduz à reconstrução e transformação desse mesmo espaço no relacional. A metodologia projectiva Rorschach afigura-se adequada, por permitir a expressão desse compromisso entre o mundo interno e o mundo externo num contexto intersubjectivo, onde as diversas expressões da adolescência podem ser reveladas e significadas. Uma vez que a identidade movente da adolescência encerra um balanceamento entre movimentos regressivos e progressivos, serão aqui valorizados os elementos que mais resultam de um processo criativo do que patológico.

Palavras-chave: relação continente-conteúdo, barreira de contacto, ego-pele, adolescência, identidade movente.

Abstract – Relying on an adolescent's Rorschach protocol, the author of this work tried to study, in a comprehensive view, the nature and the quality of mental space in adolescence. Following in the wake of a conceptualization that pierces through the construction, development, structures and functions of mental space, this work is based on the adolescence period where a greater appeal to negotiation between past and present, inner and outer reality, and between the Other and I leads to the relational reconstruction and transformation of mental space. This projective methodology seems the most adequate since it allows the expression of that commitment between the inner and outer reality in an intersubjective context where several expressions of adolescence can be disclosed and signified. As the adolescence unstable identity includes an oscillation between regressive and progressive movements, this work will enhance the elements that are a result of a creative process rather than a pathologic one.

Key-words: container-contained relation, contact-barrier, skin-ego, adolescence, movent identity.

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	1
II. O ESPAÇO PSÍQUICO	2
III. O ESPAÇO PSÍQUICO NA ADOLESCÊNCIA	7
IV. OBJECTO/OBJECTIVO DE ESTUDO	12
V. MÉTODO DE ESTUDO	13
VI. PARTICIPANTE	13
VII. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	15
VIII. ANÁLISE DO PROTOCOLO	19
IX. DISCUSSÃO.....	26
X. CONCLUSÃO.....	31
XI. REFERÊNCIAS	34
XII. ANEXOS	38

I. INTRODUÇÃO

Confinamos a polissemia da citação de Saramago ao tema do presente trabalho – o espaço psíquico na adolescência. Interrogamo-nos, como ponto de partida, quanto às relações, na adolescência, entre o infinito do espaço psíquico e a vivência de um corpo (i)limitado. Sabemos, desde já, que esta pergunta seguirá a sua resposta por aqueles caminhos que desta mais se afastam. É esse o ponto a atingir.

O adolescente está perdido a meio, entre lugares, na fronteira. Mas é na fronteira, enquanto linha de demarcação e enquanto lugar de interação, entre a expressão pulsional não objectal e a objectal, entre a realidade interna e a externa, entre o familiar e o estranho, entre a dependência e a autonomia, que pode reconstruir um espaço psíquico sempre deslocado ao infinito, onde o passado, o presente e o futuro se sintetizam, em função das novas possibilidades e potencialidades (Marques, 1991). Por mais que a fronteira avance, há sempre mais território para além dela. Dotado de uma capacidade infinita de sonhar, pensar, desejar e criar, o adolescente procurará no domínio do seu espaço psíquico a transformação, a transcendência e a aceitação dos paradoxos finito/infinito, realidade/fantasia, união/separação, consciente/inconsciente, entre muitos outros (Cabral, 2001). Processo que dependerá da natureza do espaço psíquico reconstruído *na* e *pela* envolvência e abertura da relação objectal.

A fundamentação teórica deste estudo incidirá, num primeiro momento, sobre algumas perspectivas do espaço psíquico, em busca de uma conceptualização que atravesse a construção, o desenvolvimento, as estruturas e as funções deste, para, num segundo momento, as relacionar com algumas abordagens sobre a adolescência, onde a dialéctica entre um corpo desconhecido, dotado de forças e capacidades novas, e um espaço mental em reconstrução e transformação se estabelece.

Apresentaremos depois o modelo metodológico a ser considerado para o Rorschach, submetendo-o sempre às concepções teóricas apresentadas, para que o estudo do protocolo Rorschach do sujeito adolescente seja suportado em modelos teóricos e metodológicos que se prendem com o objectivo do presente trabalho – a compreensão do espaço psíquico na adolescência.

II. O ESPAÇO PSÍQUICO

Pode pensar-se que, tendo a descoberta psicanalítica situado-se quase exclusivamente no campo da neurose, os psicanalistas, por muito tempo, se preocuparam mais com os conteúdos do psiquismo do que com o seu continente (Houzel, 1987). No entanto, uma breve panorâmica de um certo percurso da teoria analítica permite identificar uma série de configurações de espaço psíquico: espaço latente da primeira tópica freudiana, sistemas de representações e lugares de memória; espaço pulsional com a segunda, espaço mais geológico, com as suas estratificações e as suas clivagens, e atravessado de energias; espaço como receptáculo de objectos internos nos kleinianos, com a bipartição radical dentro/fora; espaço transicional entre o interior e o exterior em Winnicott (Pontalis, 1999).

O espaço psíquico assume-se, então, como um importante conceito metafórico da mente, que compreende (que afecta e é afectado por) todo o conteúdo psíquico, que inclui os objectos internos (por exemplo, as representações de si e as representações do objecto) mas também as representações de acontecimentos e de relacionamentos (Grotstein, 1978). No encaixe de alguns autores, vejamos como se processa o crescimento e a expansão do espaço mental.

Para Bion, a capacidade de expandir o pensamento ao infinito tem a sua progressiva elaboração na intersubjectividade mãe-bebé, cuja relação «continente-conteúdo» possibilita através da «função alfa», ao manter activa e não saturada a «pré-concepção», ao permitir que a ausência do objecto gere o pensamento e este se expanda em «conceitos» cada vez mais abstractos (Malpique, 2001). Lembramos que a «realização» do encontro das «pré-concepções» do bebé com o objecto conduz a uma «concepção». Mas, para aceder ao nível dos «conceitos», torna-se necessário que a tolerância do bebé à frustração permita a combinação de uma «pré-concepção» com uma «não-realização», sendo indispensável que, nessa comunicação intersubjectiva, o objecto, pela «função alfa», seja capaz de aliviar angústias dando-lhes nome, permitindo à criança construir o seu mundo interno e chegar a uma progressiva mentalização e autonomia.

A progressiva interiorização pelo sujeito desta interface de comunicação privilegiada tem correlação com a «barreira de contacto», parte do aparelho mental produzida pela função alfa, que cria, separa e, simultaneamente, põe em contacto consciente e inconsciente,

realidade e fantasia, e que pode ser mais ou menos porosa, impermeável ou mesmo quase inexistente. Diz-nos Fátima Cabral (2001) que esta espécie de «pele psíquica» se cria apenas numa relação continente-conteúdo de sinal mais $+(\text{♀} \leftrightarrow \text{♂})$, ou seja, na procura de conhecimento e da verdade acerca de si e da sua relação com os outros e com o mundo. Recordamos que aos vínculos afectivos, da relação de objecto, Amor (L) e Ódio (H), Bion acrescenta o do Conhecimento (K), todos eles impulsionadores do crescimento mental, numa concepção dialéctica da procura de verdade sobre si mesmo (Malpique, 2001). *K* deverá, pois, estar presente na experiência de si e na auto-observação; conhecimento que resulta sempre incompleto, o que nos evoca a seguinte citação:

“(...) uma tendência cheia de promessas e de desespero da vida para se conhecer a si própria, auto-investigação da natureza, investigação vã em última análise, visto a natureza não se poder resolver em conhecimento, dado que a vida não pode surpreender a última palavra de si mesma (Mann, 1981, p.286).”

Nesta representação por caracteres, *O* significa a verdade absoluta, a coisa-em-si, a realidade última, incognoscível. *L*, *H* e *K* permitem transformá-lo (*O*), mas não conhecê-lo. Assim, as transformações em *O* estão relacionadas com o vir a ser *O*, tornar-se *O*, que é algo como ir-se sendo aquilo que se é, tolerando a dúvida e a incerteza, numa aproximação de verdade sempre inatingível (Amaral Dias & Fleming, 1998). Transformação apenas possível através da reconstrução da barreira de contacto, da abertura de novas narrativas acerca de si.

Se o inconsciente pode ser concebido como progressivamente estratificado em direcção ao infinito, poderíamos dizer, em termos do modelo continente-conteúdo, que o infinito é paradoxalmente um continente sem fronteiras. Isto porque, se o infinito não fosse um continente, o conteúdo do inconsciente seria aleatório em vez de caótico – estados de caos incluem um atractor estranho, que proporciona uma coerência oculta ao que de outra maneira seria aleatório. Assim, um continente infinito do sistema inconsciente poderia ser como um atractor estranho do seu caos (Grotstein, 2003).

O, a experiência incipiente do infinito profundo e informe, o caos propriamente dito, é transformado pela mãe, quando absorve as projecções do bebé, num decrescendo para uma oposição binária, como objecto bom e objecto mau, que o bebé pode tolerar e compreender (Grotstein, 2003). A interiorização da relação continente-conteúdo, da função alfa, da capacidade de tolerar e de pensar as emoções, de criar, de transformar, em suma, de um

espaço destinado a conter e a significar, impede que as palavras, imagens, ideias e enunciados sejam restos, escombros ou fragmentos que flutuam num espaço mental sem limite, isto é, objectos bizarros que marcam o lugar onde o objecto deveria estar.

Numa palavra, a infinidade do inconsciente hospeda um conteúdo emocional caótico, que pressupõe uma coerência oculta, coerência essa apenas *determinada* pela capacidade de *rêverie* do objecto mãe para acolher, transformar e significar as projecções da criança. Se esta, pela relação continente-conteúdo, introjecta a função alfa e a capacidade de pensar os pensamentos, organiza então em si um espaço mental capaz de dar forma e estabilidade às suas turbulências pulsionais e emocionais. Caso contrário, a projecção não se contém, extravasa, profusa e aleatoriamente, o seu conteúdo de objectos bizarros, que, da intolerância à frustração da ausência do objecto, procuram ocupar o não-lugar deste, assim aterrorizando a criança com o inominável.

Assim, a identificação projectiva, ao encontro de um continente capaz de atribuir representações e significações ao (in)conversível, forma a unidade do indivíduo com si mesmo, impondo a abertura de fugidios e localizados feixes de entendimento com os outros. Uma vez que a identificação projectiva pressupõe sempre uma clivagem entre dentro e fora, debrucemo-nos agora sobre a estrutura delimitante e permeável do psiquismo cuja construção vai do sentir ao sentido.

Freud (1923/2001) diz-nos que “o ego deriva de sensações corporais, principalmente das que brotam da superfície do corpo” (p.26). Quais os elementos propiciadores que o fazem brotar como projecção mental da superfície do corpo é algo a que Anzieu (1995), na obra *Le moi-peau*, procura responder em termos de relação objectal. Este autor (*op. cit.*) sublinha as qualidades, muitas vezes perdidas na abstracção da relação, da experiência da superfície do corpo do bebé no quadro duma relação securizante, experiência pela qual o ego se representa como continente das experiências positivas, limite com o exterior e meio de troca com o Outro. Ego-pele, portanto, como figuração desse contacto, do corpo do bebé com o da sua mãe, transposto ao nível psíquico, entre o Eu e o Outro.

Procuremos integrar. A *ceasura* do nascimento cria um gradiente de energia psíquica que envolve o bebé num campo de atracção, precipitando-o para o objecto. A substância psíquica urge então encontrar-se com o objecto, estabelecer comunicação recíproca qual ponte

sobre o abismo para o qual periga na sua ausência. Sob o fantasma de pele comum, expressivo do desejo de fusão narcísica primária, a interface assegura uma comunicação sem intermédio, uma identificação adesiva, numa simetria sempre sujeita às dissonâncias entre o envelope externo maternal e o envelope interno do bebé. Paulatinamente, as falhas infligidas pela frustração na membrana simbiótica são tornadas toleráveis pelo aparecimento dos primeiros pensamentos, da falta, da ausência, em dialéctica com o objecto continente. Entretanto, a tecedura do envelope psíquico ocorre tanto pela introjecção da pele continente do objecto, quanto pela identificação projectiva que conduz à noção de espaços tridimensionais nos quais os pensamentos podem ser projectados ou introjectados. É então que o bebé pode reconhecer que cada qual tem a sua própria pele, passar da relação narcísica à objectal e encarar o desconhecido da alteridade (Houzel, 1995; Anzieu, 1995; Bick, 1967).

Se, a nível biológico, a pele contém aquilo que contém e se, a nível psicológico, o ego contém as sensações, as emoções, as acções e as fantasmatisações, então, a nível intelectual, o pensar contém os pensamentos que organiza à maneira de um microcosmo do qual o mundo será o macrocosmo. Como parte do psiquismo, o pensar é uma actividade ascendente, se não transcendente, que descola os pensamentos das suas bases corporais – pensamentos que se tecem do sensível sob formas cada vez mais depuradas – para os supostos píncaros da sublimação (Anzieu, 1993).

Vimos como o psiquismo invadido pela experiência do vazio se diferencia numa parte pensante à qual confia a tarefa de não mais pensar nesse vazio (o fundo impensável do pensar) e nos pensamentos dolorosos (de um misto de sensações e de afectos). O pensar, dando-se conta desses protopensamentos, transforma-os em representações que vêm ocupar o lugar deixado pelo vazio, delas se servindo para constituir uma pele de pensamentos que repara o rasgo infligido pelo vazio no ego-pele nascente (Anzieu, 1993). Vazio, então, como fonte psíquica da simbolização, do sempre nomeado mas sem nome. E porque falamos do inominável e do sentir irredutível ao dizer, tomamos como referência Samuel Beckett:

“(...) o que é essa coisa inominável, que eu nomeio, nomeio, nomeio, sem a usar, e chamo eu a isso palavras. É que eu ainda não encontrei as palavras adequadas, aquelas que matam, vindas das agruras deste infesto pasto ainda não me subiram à garganta, desta torrente de palavras, com que palavras nomear as minhas palavras inomináveis (Beckett, 2006, p.115).”

Em Beckett, o nada é o vazio do que faltou ao indivíduo da sua história para se instaurar no ser, para se experimentar contido no Eu, para emergir do desamparo da insuficiência de resposta do primeiro objecto amado. Desde pequeno que foi nutrido e cuidado, mas não «falado» de modo a reconhecer-se aí. Donde, a dor não nomeada mas o inominável do qual as palavras mal se aproximam. E é desse nada que trata a sua escrita – mimese da voz que fala *da* e *na* solidão para se fazer acompanhar. Resposta de um Eu que tenta diferenciar-se das vozes pronunciadas em seu torno, que arrastam palavras que lhe são estranhas, cujo sentido lhe escapa porque, sendo imposto, o violenta ou porque, não estando seguro de existir, só existe quando esse sentido lhe é dirigido (Anzieu, 1997). Permitimo-nos, uma vez mais, citar as palavras deste escritor, Samuel Beckett:

“E eu deixo dizer as minhas palavras, que não são minhas, eu essa palavra, essa palavra que elas dizem, mas que dizem em vão (Beckett, 2006, p.138).”

A criação literária, como área intermédia de ilusão, onde se radicam os contrários que se cruzam e se enleiam, permite ao autor estar só na presença de alguém, criar objectos que ali já se encontravam, não querer comunicar mas poder fazê-lo, vozejar em silêncio, ser personagem sem ser pessoa, aceitar não ser pessoa para aceder a sê-lo. A incerteza das fronteiras do Eu corporal e do Eu psíquico, do passado e do presente, do dia e da noite, do animado e do inanimado, obriga o narrador beckettiano a estar periclitante entre o nada e o tudo. Se se recolhe sobre si mesmo enlaça um espaço vazio e um vazio espaçoso, correndo o risco de transpor o limite entre a existência e a inexistência. Se se concretiza encontra-se num movimento de expansão para o ilimitado, correndo o risco de se dispersar e se perder (Anzieu, 1997).

Encontramos aqui um campo neutro, uma terceira área que assegura uma transição entre Eu e não-Eu, entre a ausência e a presença, entre a criança e a mãe. Esta área dos fenómenos transicionais constitui um espaço psíquico entre o externo e o interno, espaço potencial onde se origina a criatividade, que constitui a condição de uma troca entre o fora e o dentro. Campo neutro de experiência que possibilita uma relação criadora dessas duas ordens de realidade. Sem o estabelecimento de uma experiência total nesta área intermédia, o sujeito não poderá reconhecer-se como si-próprio, pois este “*encontra-se* no entre-dois do fora e do dentro, do eu e do não-eu, da criança e da mãe, do corpo e da palavra” (Pontalis, 1999, p.216).

Retomando Beckett, consideramos a sua escrita como morada da voz silente de um autor multiplamente só, que fala do desconhecido de si mesmo com Eco – sinónimo de um teatro interior estabelecido, representado por exemplo na tragicomédia *À espera de Godot* (Beckett, 2002).

Para Anzieu (1993) o primeiro dos processos secundários não é a atenção mas a espera. Se a atenção é a experiência de uma presença, a espera é a experiência de uma ausência. De uma ausência de conteúdo oferecida ao devir possível dos pensamentos. De facto, a espera é tanto o vazio onde se apagam os pensamentos não pensados por um aparelho de pensar como o vazio deste aparelho onde se inscreverão os pensamentos. Isto porque a origem do pensar é o vazio do tempo sem memória. Assim, a espera é a possibilidade dada a este aparelho de se constituir. Ora, o narrador beckettiano é ameaçado de morte psíquica: tudo se comenta a si próprio e tudo se entrecomenta até ao infinito, num lugar mental deserto apenas povoado por uma árvore entre o animado e o inanimado. Para evitar a catástrofe do vazio, as personagens beckettianas esperam em vão por um objecto que no fundo sabem que não virá. Mas Godot não é uma pessoa, não é o objecto esperado. É o espaço psíquico que se prepara a construir-se. O pano de fundo à espera das figuras que aí possam adquirir forma e relevo. Mais tarde, o espaço de pensar os pensamentos da falta, da ausência, através do símbolo – único meio para se pensar a coisa na sua ausência – que possibilita a expansão mental.

III. O ESPAÇO PSÍQUICO NA ADOLESCÊNCIA

Temos de convir que a conquista dum espaço mental separado do espaço mental do Outro (lugares mentais fundidos nos primeiros meses de vida, depois confundidos e só mais tarde separados) não é uma tarefa psicológica fácil (Fleming, 2001). Veja-se a este propósito a citação que partilhamos do poeta Paul Celan:

“A sombra/ dupla que um dia fui/ divide-se/ em duas, erguem-se/ as alas da noite (...)/ Com os olhos de uma criança, com/ os olhos da sua mãe/ encontro eu a minha segunda/ a minha primeira/ janela” (Celan, 1998, p.39).

Lembra-nos Jaime Milheiro (2001) que a face desconhecida é o contraponto da face conhecida da mãe; que desconhecido é o Outro, sempre diferente da face maternal conhecida

e protectora, sempre imprevisto e ameaçador até que o deixe de ser. O seu temor, aquele das “alas da noite”, inscreve-se em todos os tipos de relação, de forma similar ao sofrido aquando da ausência da mãe. Mas, se as angústias que acarreta forem suficientemente elaboradas, o desconhecido tornar-se-á misterioso, adquirindo uma faceta atractiva, construtiva e propulsora do desejo. Se, pelo contrário, permanecerem excessos de angústia nessa relação com o desconhecido, as angústias erguer-se-ão ou acrescentar-se-ão, gerando complexidades tendencialmente depressivas. Tudo isto sem esquecer a função do Outro na relação intersubjectiva de conter e significar as angústias assomadas à “janela” do sujeito.

Sabemos do retorno do passado, do infantil em particular na adolescência, período onde, *na e pela* relação com Outros conhecidos e desconhecidos, o adolescente integra a sua identidade e reconstrói o seu espaço mental em busca do ser que se lhe oferece.

Na concepção psicanalítica clássica, a ressurgência da problemática edipiana e pré-edipiana na puberdade é a razão do adolescente desejar a sua autonomia contra a regressão a fixações incestuosas. Com o aumento pulsional da puberdade, responsável pela fragilização do Ego adolescente, impõe-se a separação da libido dos primeiros objectos de amor. Só assim, pelo luto dos objectos do passado, novas identificações e novas escolhas de objecto se tornam possíveis (Fleming, 2004).

Para Amaral Dias e Nunes Vicente (1984), tratando-se embora dum retorno do Édipo, não é seguramente do mesmo Édipo, agora expresso nos termos mais concretos de uma relação sexual entre um homem e uma mulher, relação da qual o jovem proveio, e menos simbólicos de uma triangulação entre o pai, a mãe e a criança. Novo Édipo, cujo declínio se faz por movimentos de reobjectualização. Assim, estes autores afirmam que o abandono do passado opera através de cinco lutos obrigatórios: luto pela fonte de segurança, compensado pelo investimento da imago materna deslocado sobre um outro; luto renovado do objecto edipiano ou desinvestimento dos novos aspectos edipianos dos pais, para um posterior reinvestimento de novas relações com esses objectos; luto pelo Ideal do Eu, pela imagem dos pais idealizados e onnipotentes, conducente a padrões de comportamento cada vez mais regulados pelo Ego Ideal; luto da bissexualidade pela escolha de um novo objecto de amor; luto pelo grupo, fonte de identificações projectivas cruzadas, que anuncia a capacidade adulta de estar só e de estar com os outros. Nesta linha, não existe adolescência normal sem

depressão, sendo as formas anómalas desta decorrentes de um défice da capacidade de tolerância do Eu ao luto consoante os defeitos da sua organização primitiva.

Cumpram-se então notar que a autonomia do ego se processa preservando as relações com os pais. Isto porque a autonomia se alicerça em dois pólos, o da distância e o da reaproximação, que fundam a ambivalência e a ambigüidade características da adolescência (Josselson; cit. por Fleming, 1990). Não há portanto ruptura dos laços aos objectos parentais, apenas a sua transformação. Se o repúdio dos objectos parentais acontece, esse movimento é feito na base da confiança, benevolência e benignidade dos objectos internos consolidada nos primeiros anos de vida (Salgueiro; cit. por Fleming, *op. cit.*). Assim, “o adolescente (...) conta não só com o seu mundo interno povoado (ou não) de bons objectos propiciadores de confiança básica e de segurança, mas também com as relações actuais com os seus pais, pares, amigos e adultos significativos” (Fleming, *op. cit.*, p.100).

Novas ligações e novas relações se tornam possíveis pela união e integração do antigo e do novo. Vejamos então como a adolescência compreende desequilíbrio e turbulência, sem o que não se podem constituir novos equilíbrios e integrações, nem se podem criar novas realidades e objectos (Emília Marques, 2001).

A adolescência envolve a puberdade e a adolescência propriamente dita. A puberdade caracteriza-se pelas transformações corporais que marcam o acesso à genitalidade, onde os problemas se ordenam à volta do corpo e onde se colocam as questões ligadas à identidade subjectiva, à delimitação, separação e diferenciação. Transformações corporais essas que originam a fragilização do Eu, por desencadarem momentos de descontinuidade e de desequilíbrio em relação ao corpo infantil, que implicam uma perda de coesão. Isto porque as antigas modalidades de representação e de relação já não garantem a integridade. Corpo, portanto, em transformação, dificilmente representável porque desconhecido. Aliás, tanto mais estranho quanto implica a integração da representação do corpo infantil, o que reactiva as identificações primárias. Quando a diferenciação de si já não se coloca como problema, impõe-se o estabelecimento da identidade sexual. Assim, na adolescência propriamente dita há a necessidade de afirmar e experienciar esse corpo, agora melhor conhecido, face ao Outro, numa lógica de complementaridade de sexos, de acesso e integração da bissexualidade. Também a afirmação da identidade sexual, masculina ou feminina, assenta sobre as relações

com o objecto primário materno, mas também com o paterno, já que um só se concebe em relação ao outro (Emília Marques, *op. cit.*).

A fragilização do Eu, por insuficiente diferenciação e colapso das ligações entre interno/externo e entre Eu/Outro, reactiva uma actividade defensiva arcaica representada pela clivagem e pela identificação projectiva. Mas é graças a essa regressão que se torna possível a exploração de outras realidades, através de processos que vão da clivagem à integração. (Inscreeve-se aqui a transição do continente parental para o continente grupal.) Surge então a necessidade de investir novos objectos da realidade exterior como organizadores do mundo interno. No encontro, comunicação e relação entre objecto interno e externo, entre sujeito e objecto inscreve-se o desenvolvimento pela criação de novas realidades de sujeito e objecto. Esta oscilação entre continuidade e descontinuidade, entre clivagem e integração, entre separação e comunicação traduz a forte conflitualidade interna e externa, objectal e relacional que funda um sentimento de identidade movente pelo balanceamento entre movimentos de ligação, integração, transformação e simbolização, e de desligação, clivagem e retraimento. (Donde a difícil aceitação do paradoxo da área de experiência onde se situam os fenómenos transitivos.) Há, portanto, a necessidade de estabelecer novas relações continente-conteúdo, onde o Outro, como continente, contém e, como conteúdo, significa (Emília Marques, 2001, 2005).

Neste sentido, a identificação projectiva representa a via normal pela qual o adolescente integra a imagem unificada do corpo e o próprio Eu. É agindo os seus próprios conteúdos (elementos β), tanto do corpo vivido como da pulsionalidade sentida (ambos não compreendidos e não mentalizados) no objecto continente que os elabora (função α), que o adolescente os vai tentar integrar e mentalizar. Assim, a identificação projectiva, mesmo quando se apresenta com características persecutórias, é, no adolescente, função de crescimento, pois que o seu fim é elaborativo e de vinculação ao meio (Amaral Dias, 1988).

A identificação projectiva serve então à expansão do Eu, num objecto que pode conter as partes desconhecidas do sujeito para alargar o espaço psíquico deste, ao dar sentido ao que até aí não tinha nome. Assim, a identificação projectiva está ao serviço da (trans)formação do espaço psíquico (Amaral Dias, 1988). Também Meltzer (1975, 1991) e Grotstein (1978) defendem o desenvolvimento do espaço psíquico através de uma hierarquia de processos que da unidimensionalidade, à bi, tri e tetradimensionalidade se fazem corresponder da

identificação adesiva, à projectiva e à introjectiva. Nesta conceptualização, as distâncias espaciais e temporais entre Eu e objecto e entre objecto e objecto constituem, juntamente com o perímetro, as funções de dimensionalidade no espaço interno (Grotstein, 1978). Aqui, a dimensão do tempo é considerada como tendo um desenvolvimento, desde a circularidade à oscilação e finalmente ao tempo linear do tempo de vida do indivíduo, desde a concepção à morte (Meltzer, 1991). Podemos então considerar que, na adolescência, os movimentos em fantasia de entrar em e sair de um objecto têm necessariamente um significado relativamente à concepção do tempo. A respeito da experiência do tempo, medido pelos ponteiros que pautam tanto a sua circularidade como a sua fuga unidireccional, transcrevemos a seguinte passagem:

“O tempo é activo, tem carácter verbal, «traz consigo». Que é que traz consigo? A transformação. O Agora não é o Então; o Aqui é diferente do Ali; pois entre ambos se intercala o movimento. Mas, visto ser circular, e fechar-se sobre si mesmo, o movimento pelo qual se mede o tempo, trata-se de um movimento e de uma transformação que quase poderiam ser qualificados de repouso e de imobilidade: o Então repete-se constantemente no Agora, e o Ali reaparece no Aqui (Mann, 1981, p.362).”

Pela identificação projectiva – mecanismo por excelência da identificação narcísica do mundo tridimensional – se afirma a reversibilidade da diferenciação do Eu para com o objecto, mas também como corolário se reivindica a reversibilidade da direcção do tempo. É este o tempo oscilatório que tem de esperar pelo doloroso, e nunca totalmente completo, movimento de renúncia da identificação projectiva de modo a tornar-se unidireccional. Só a luta contra o narcisismo e a onnipotência permite a construção, pela identificação introjectiva, do mundo tetradimensional, onde o desenvolvimento surge como possibilidade (Meltzer, 1991).

Importa referir que as transformações ocorridas na adolescência impõem uma «mudança catastrófica», no sentido de Bion, que possibilita o estabelecimento de uma nova «barreira de contacto» através da qual “se criam novas realidades e novas experiências que levam a novas relações continente-conteúdo” (Emília Marques, 2001, p.208), onde se dá “a função interna de conter e de simbolizar, que permite a (re)construção de objectos no espaço interno e a criação de sentires e sentido, de sujeito e objectos renovados” (*op. cit.*, 2005, p.22). Reconstrução da barreira de contacto que deverá permitir a circulação e as trocas entre consciente e inconsciente, de modo a que o sujeito não fique preso na realidade, a um mundo extremamente pobre, sem criatividade, ou neuroticamente aferrado ao seu mito pessoal e

falaz, ou perdido no mundo imaginário da fantasia, sem ter em conta a realidade, nem ter acesso ao simbólico (Fátima Cabral, 2001).

Para Amaral Dias (1988) a dificuldade discriminativa entre adolescência e psicose resulta do facto de em ambos haver uma regressão tópica, mas ao passo que na adolescência este fenómeno deixa intacta a parte do Eu que faz a ponte com a realidade, na psicose a regressão conduz ao aniquilamento maciço e progressivo das defesas mais elaboradas que cedem o seu lugar a um permanente arcaísmo defensivo. Para Emília Marques (1994b) a psicose na adolescência pode ser reconhecida quando existir: desintegração do investimento e da representação de si, com simultânea confusão dentro/fora, sujeito/objecto – sinal de perda de limites que expressa uma perturbação da identidade subjectiva; perda ou fluidez excessiva do sentimento de continuidade de si e graves danos na coerência do Eu, que se podem fazer acompanhar por dificuldades ou ausência de fantasmática. Esta desintegração, ruptura e desligação – aquilo que não se pode ligar, inscrever e integrar na história do sujeito – tem a marca das atitudes defensivas massivas e arcaicas, como a clivagem, a recusa da realidade e a projecção evacuativa, que conduzem a uma impossível subjectivação.

A adolescência é, pois, uma *experiência* (etimologicamente do latim *ex-periri*: uma travessia arriscada) onde o ser, unidade plural do tempo, se recolhe, *se expande e sem se dividir se ramifica* num horizonte sempre interrogado e renovado de vida.

IV. OBJECTO/OBJECTIVO DE ESTUDO

Todos estes conceitos – pulsionalidade e defesas, relação de objecto, clivagem, identificação projectiva e integração, relação continente-conteúdo, função alfa e barreira de contacto, ego-pele e pele psíquica, dimensionalidade psíquica, espaço transitivo, identidade subjectiva e identificações secundárias, representação do corpo e representação de si – se assumem neste trabalho como eixos estruturantes de reflexão sobre o espaço psíquico na adolescência. As respostas Rorschach de um adolescente de 16 anos, escolarizado e consultante de psiquiatria, constituirão o objecto de estudo deste trabalho para se inferir sobre a natureza e qualidade do espaço psíquico na adolescência. Numa palavra, propomo-nos estudar o espaço psíquico de um adolescente, contemplado através de uma prova projectiva, o Rorschach.

V. MÉTODO DE ESTUDO

A metodologia projectiva Rorschach afigura-se-nos adequada por permitir a expressão do compromisso entre interno e externo, entre Eu e Outro, num contexto intersubjectivo onde as diversas expressões da adolescência podem ser reveladas e significadas.

O Rorschach possibilita um processo que perpassa um passado, um presente e um futuro, que é preciso ligar para se criar um novo objecto com características, em simultâneo, do mundo interno e do mundo externo. Possibilita e revela esse percurso que sustém o trabalho de ligação, transformação e recriação. Assim, a resposta Rorschach nasce do compromisso entre o que de mais significativo rege o mundo interno do sujeito e o que de mais significativo ele retém do mundo externo (Marques e Aleixo, 1994). Mas trata-se também de um novo objecto construído numa inter-acção intersubjectiva. Isto porque a transformação em símbolos, o pensamento, as respostas Rorschach, ocorrem sempre *na e pela* relação continente-conteúdo, através da capacidade de *rêverie* e da função alfa. Esse processo de formação de símbolos visa a estabilização do mundo psíquico do sujeito através da identificação projectiva após a vivência de caos psíquico produzida pela situação de teste. O psicólogo, ao conter o sentimento de caos clivado e projectado pelo sujeito, permite o processo de formação de símbolo e do pensamento (Emília Marques, 1994a).

Deste modo, o processo e a expressão das respostas Rorschach permitem averiguar a possibilidade do sujeito se vincular e investir o objecto externo, e imbuir esse objecto com elementos da realidade interna, sem deixar de manter separadas as características que advêm de ambas as realidades, para que a reunião e a ligação possam operar. O resultado deverá então ser um novo objecto com características desses dois mundos, sem que haja esmagamento de um pelo outro, nem confusão entre um e outro (Emília Marques, 1994b).

VI. PARTICIPANTE

Participa neste estudo um adolescente, a quem chamaremos David, com 16 anos, do sexo masculino, escolarizado e consultante de psiquiatria.

Os pais de David conhecem-se desde os 13 anos e casaram-se com 22 anos. A mãe de David, quando estava grávida deste filho, perdeu a sua mãe. David é o mais novo de três filhos, todos rapazes. Quando nasceu, os seus irmãos tinham já 13 e 15 anos. A mãe é licenciada e o pai tem poucas qualificações académicas. Até ao seu 3º ano do primeiro ciclo, David ficava com o pai e com os irmãos, uma vez que a mãe chegava tarde do emprego. O pai de David é descrito pela mãe como sendo na altura uma pessoa muito meiga, embora pouco autoritária e pouco activa. Diz a mãe que, face a esta falta de limites, era ela quem mantinha a ordem em casa. Aos poucos, o pai de David terá começado a mudar de personalidade, querendo isto dizer que se tornou agressivo, mal-educado e mal-humorado, até se afastar da família.

Quando David tinha 14 anos, o pai saiu de casa. Desde então o pai não se relaciona com o filho. Durante este ano, David terá dado apoio à mãe que ficou apática e deprimida com a súbita separação. Depois, David terá começado a chorar muito, a pressentir que algo iria correr mal, a pedir à mãe para não o abandonar e a fazer planos para matar o pai e a “amante” deste. Após a separação dos pais, David desenvolveu um quadro clínico que, segundo um relatório do psiquiatra, incluía ansiedade, agitação, pensamentos recorrentes, dificuldades adaptativas sociais e familiares, com rigidez de funcionamento psíquico e perda de controle com passagens a acto, auto e heteroagressivas. Iniciou então o acompanhamento em psiquiatria e passou a estar medicado com neurolépticos e estabilizadores de humor. Entretanto, a mãe ficou com o poder paternal.

David, que até então não tinha dificuldades escolares, ficou retido no 10º ano de escolaridade. No ano lectivo seguinte, David, com 15 anos, apresentava verbalizações e comportamentos estranhos, com intervenções durante as aulas fora de contexto e momentos de excitabilidade. Foi também registada alguma distorção da realidade escolar com o cunho da fantasia de um jogo de guerra, o que implicava um certo isolamento e uma categorização de pessoas, divididas em boas e más. Durante um atendimento no SPO, David disse ter estado a ver armas de fogo com um amigo num bairro perigoso e revelou querer perseguir o carro do pai para lhe tirar fotografias com a “amante” ou mesmo para os despistar. Disse também que não iria deixar que a sua mãe estabelecesse uma relação amorosa com outro homem.

A avaliação psicológica é proposta a David como fazendo parte de um estudo sobre a adolescência, que implicava a aplicação de uma prova de Psicologia, a incluir num trabalho

de final de curso. David adere dizendo que não se importa, “se for para ajudar”. Marca-se então um dia e uma hora para a aplicação da prova. David tem, aquando da aplicação, 16 anos. A recolha ocorreu na sala do Serviço de Psicologia e Orientação da sua escola, um espaço bem iluminado, no qual se encontravam duas cadeiras dispostas sob os lados contíguos de uma mesa hexagonal. David parece bem disposto e descontraído. No final da prova diz que não gosta muito de arte, que não tem muito jeito para a pintura e que lhe custou “ligar a pintura a outras coisas”.

VII. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Propomos aqui uma leitura dos conceitos relativos ao espaço psíquico no Rorschach de um adolescente, a partir de uma grelha com os procedimentos de análise dos dados quantitativos e qualitativos que melhor os expressam.

Neste sentido, o protocolo Rorschach de David será analisado ao nível do conteúdo das respostas e ao nível dos elementos mais relevantes do psicograma, com o objectivo de compreender o espaço psíquico na adolescência segundo as proposições teóricas e metodológicas abordadas.

Se as manifestações qualitativas solicitam mais a intuição e as associações subjectivas do clínico, os dados quantitativos constituem o ponto de partida objectivo que permite colocar hipóteses de trabalho. Melhor, só a articulação dos dados qualitativos e quantitativos permitirá a elaboração de hipóteses sobre o funcionamento psíquico de um sujeito (Chabert, 1998).

VIII. ANÁLISE DO PROTOCOLO

Começamos pela análise dos conteúdos, que são “o «corpo da resposta» representando como que, simetricamente, o «corpo do sujeito», estabelecendo-se esta simetria em torno do material que dele é o eixo ou o espelho” (Rausch de Traubenberg, 1983, p.32).

No **cartão I**, David, após um curto tempo de latência (2”), compromete-se na tarefa com uma crítica de si («nunca fui muito bom em arte») e, face à organização perceptiva do cartão, a sua simetria em torno de um eixo («aquela coisa que se dobra e tem um eixo, uma simetria e faz a mesma imagem») que solicita a projecção da imagem do corpo, organiza a sua primeira resposta que, ao abrigo de uma forma adequada (*squelette d’oiseau*, Beizmann, 1966), incide numa anatomia desvitalizada («Uma costeleta de um frango»), cujo conteúdo ao remeter para o interior do corpo coloca a questão da integridade da imagem do corpo. Nota-se aqui também a referência à imago materna pela evocação de um tema alimentar.

No inquérito, David, após o desaparecimento momentâneo dos traços («Tinha visto isto assim (V)... Agora já não me lembro.»), insiste na imagem do interior do corpo («A parte... A zona do esqueleto. Isto dá a ideia que é um esqueleto de um frango»), cuja simetria compreendida o leva a retirar os elementos bilaterais («Isto não») numa tentativa de negar o relacional que já havia sido esboçada («uma simetria e faz a mesma imagem»).

No inquérito aos limites, David recorre a um «conteúdo-ecrã» («Tipo uma máscara de carnaval») que traduz o temor da revelação e a procura de protecção decorrentes de uma vulnerabilidade corporal e narcísica, comumente encontrada em adolescentes não consultantes e normalmente escolarizados (Emília Marques, 1991; Traubenberg et col., 1993). Se as respostas anatómicas remetem para a permeabilidade dos envelopes corporais, então a resposta «máscara de carnaval» vem, para além de assolapar os afectos depressivos, colmatar as falhas de um envelope que não desempenha o seu papel de protecção.

Consideramos, então, a resposta na prova de escolhas («E a parte da frente de uma mota») um esforço de delimitação dum meio de troca entre dentro e fora («A entrada de ar aqui, e os faróis») marcado pela má qualidade formal.

No **cartão II**, David recorre, após o maior tempo de latência da prova (45”), ao eixo médio («Aqui não vejo nada, mas acho que é a mesma coisa, um eixo de simetria e pronto») para negar o movimento projectivo através de uma conduta de objectivação. Mas também

porque a representação do corpo é aqui posta à prova. A resposta seguinte de David incide num atributo de feminilidade («Isto lembra-me os sapatos de uma mulher, mas de resto não me lembra nada»), que parece resultar do deslocamento e da denegação do órgão sexual feminino evocado pela região vermelho-rosa da base.

Esta última resposta aparece no momento do inquérito associada a uma imagem parcelar («Aqui (Ddb1) parecia-me umas pernas»), que a par de uma indiferenciação figura-fundo traduz uma sensibilidade ao dano da imagem do corpo. Como se a activação pulsional fosse vivida como uma intrusão que danifica o corpo; Como se a superfície de encontro entre o dentro e o fora desaparecesse quando as estimulações externas se tornam demasiado excitantes.

Sabemos que neste cartão a lacuna mediana pode ser sentida como falha corporal fundamental, o que não contribui para uma representação unitária. Esta sensibilidade às lacunas verifica-se na resposta dada no inquérito aos limites («Uma língua de fora, os olhos, a boca aberta, o nariz»), cuja tentativa de apreensão global (espécie de G informulado) revela a procura de unificação corporal mediante elementos desunidos de má qualidade formal. Contudo, a não representação de relações, a falta de cinestésias e a má qualidade formal das respostas parecem testemunhar uma ruptura com o mundo objectal.

No **cartão III**, David dá um conteúdo que remete para o corpo, para a sua interioridade mal guardada («a parte escura lembra-me um esqueleto, uma bacia, não sei bem como se diz»). Como foi dito, as respostas anatómicas assinalam a importância dos efeitos de transparência dos envelopes corporais (metáfora dos continentes psíquicos). Por outro lado, assiste-se à não interpretação do vermelho, o que parece significar que “os movimentos pulsionais estão limados e petrificados por um contra-vestimento que explora a percepção em detrimento da descarga (F em vez de K), e o interior do corpo em detrimento da relação de alteridade (anatomias, parte do corpo em vez de um cenário que implica o pôr em relação dois parceiros)” (Chabert, 2000, p. 221). O retorno ao corpo próprio mobiliza o recurso ao eixo médio como defesa através da objectivação do material («também tem o mesmo eixo de simetria»), mas também porque a integridade corporal foi posta em causa pelo vermelho.

No **cartão IV**, a primeira resposta de David («isto lembra-me a crosta de um... um coiso, de uma tarântula») remete para o corpo, para a fragilidade de um continente que se transforma em superfície de feridas. Resposta esta cujo enunciado verbal dificilmente contém um conteúdo animal de valência persecutória.

No momento do inquérito surge o sobreinvestimento da barreira entre dentro e fora, do envelope corporal de uma representação persecutória, com a correlativa marca da agressividade («Uma carapaça de uma tarântula. Aqui eram os tentáculos onde se injecta o veneno. Aqui uns pêlos»). Se este cartão como imagem evocativa de força e autoridade pode arrastar associações ligadas à imago materna pré-genital (Chabert, 1998), então temos aqui uma representação perigosa e poderosa dessa imago. Ora, as tarântulas não possuem «tentáculos», porém não vemos nesse engano uma contaminação de confusão identitária.

No **cartão V**, David responde imediatamente a banalidade que se lhe impõe com clareza («isto é um morcego»), mas que, subsequentemente, parece trazer em si uma ligeira incerteza ([sorri] «pode não parecer muito, mas é o que me vem à cabeça»). Mas será por isso que a resposta dada no inquérito («um morcego pelas asas») significa que o D central põe em causa a unidade do G simples banal?

Sabemos que as respostas simples e banais testemunham a ancoragem correcta na realidade externa e a capacidade de apreender um objecto total e diferenciado, o que dá conta de um *self* cuja integridade não é posta em causa. Respostas essas que também podem significar uma conduta defensiva pelo recurso a uma realidade global e adaptativa contra as pressões fantasmáticas e/ou um sobreinvestimento da forma para circunscrever os perceptos ao conservar as barreiras que garantem a sua identidade.

No **cartão VI** impõe-se a tendência à recusa («isto não me lembra nada [silêncio]») que se instala como um precedente contra a implicação projectiva sentida como perigosa. David recorre então à banalidade mediante uma expressão descontínua («lembra-me as peles de, de, as peles do coiso, de... tipo, espécies de mamífero e isso. Peles no chão e isso»). Discurso entrecortado com a palavra «coiso» tal como no cartão IV. Num cartão que se refere à potência fálica, tanto a conduta cognitiva (G simples) como o conteúdo associado («peles que se metem no chão, dos animais, pelo facto de estar espalhada, pelos recortes e isso») mostram a identificação a uma posição passiva. Por outro lado, esta a abordagem global superficial revela uma ausência de curiosidade pela realidade interna («por estar toda plana e não ter nenhuma dimensão tipo 3D»). Se a resposta «pele» no cartão IV envolve um «mau objecto», então esta resposta «pele» é investida na sua bidimensionalidade, logo desprovida de interior.

No **cartão VII** impõe-se a recusa («não me lembra nada...») só ultrapassada com a intervenção do examinador. Da tentativa de apreensão global deste cartão bilateral surge uma resposta animal parcelar («uns tentáculos de aranha», «tipo pinças») que encobre significações agressivas do «mau objecto» persecutório. Como se as «pinças» aqui evocadas resultassem da fragmentação do «mau objecto» evocado no cartão IV. Encontramo-nos assim num registo projectivo que exhibe representações imagóicas persecutórias, o que também se verifica na repetição de respostas idênticas em cartões diferentes sob o efeito de um fantasma compulsivo que esquece os constrangimentos perceptivos. Já na prova de escolhas este cartão é rejeitado («porque me lembrou os tentáculos de uma aranha e fiquei um bocado, não gostei»), o que testemunha a repulsa da evocação ansiogénica.

No **cartão VIII**, onde o tempo de latência aumenta (33”), David ergue a barreira contra os ecos internos das estimulações externas («isto não me lembra nada...»), que se constitui também por intermédio de uma banalidade («Parece que ‘tá aqui um leão, aqui. Dois leões aqui. Não sei, este não me lembra nada»). O isolamento do animal selvagem convocado, representação de actividade e agressividade, é acentuado pelo bloqueio associativo, pela denegação. Surge, então, um comentário cuja imagem estereotipada metaforiza o papel do sujeito, isto é, a leitura banal dos cartões sem implicação projectiva («agora sou tipo apresentador de televisão», «por causa dos cartões»). Já no inquérito surge uma resposta adicional resultante da apreensão global da mancha, uma banalidade com conotação narcísica («tipo um brasão»).

No **cartão IX** instala-se a recusa da mancha («isto não me lembra nada... [\sphericalangle] não»), que parece revelar uma sensibilidade dolorosa às relações de objecto precoces pela intensidade da reacção negativa face a um material que convoca a representação da imago materna arcaica. Na prova de escolhas este cartão é o segundo rejeitado («e este porque não me lembrou nada»). Este paradoxo, a rejeição de um cartão que nada evoca, demonstra a força da negação do seu significado.

No **cartão X** a recusa subsiste («Também... Não consigo ver nada») embora seja ultrapassada com a intervenção do examinador. Surge então uma cinestesia de objecto («talvez fogo de artifício, aqui, mas...») que emana de uma fonte pulsional interna e cuja emergência parece visar a supressão da tensão que se manifesta no protocolo através de respostas encerram uma grande ansiedade. Cumpre notar o compromisso entre percepção e

projecção que revela alguma capacidade do sujeito para se situar na área transitiva. Cinestesia de objecto que revela um certo dinamismo interno não extinto num aparente deserto psíquico. No inquérito surge uma resposta G impressionista («dava a ideia de festa, mas não tenho uma ideia concreta»), que traduz tanto a expressão libertadora dos afectos suscitados pelo facto de se tratar do último cartão, como a ausência de uma procura mais aprofundada do material para evitar representações incómodas.

Uma vez que a apreciação das condutas dominantes no funcionamento psíquico de um sujeito passa pela articulação dos dados qualitativos e quantitativos, propomo-nos agora analisar o psicograma.

O presente protocolo Rorschach é extremamente restritivo, o que revela os efeitos invalidantes da inibição. Se o número de respostas é reduzido (9), se o discurso é pontuado por silêncios e bloqueios associativos, a verbalização no inquérito não é muito mais rica (2 respostas adicionais).

Os processos de pensamento parecem estar submetidos a uma ordem que consiste em denegar, desmentir a existência do mundo interno, pelo recurso a todo o custo à realidade externa. David não mostra uma conduta activa na tomada de consciência do material: não há procura de construção nem de elaboração, não há tentativa de originalidade nem de criatividade, o que parece evidenciar uma atitude defensiva pelo recurso a uma realidade adaptativa contra a emergência de representações e/ou afectos.

Os modos de apreensão (G) repartem-se de maneira extremamente rígida, no sentido em que cada cartão é tratado de modo único, sem possibilidades de passagem de um a outro, sem que se apreenda uma dinâmica de pensar pela modificação de uma abordagem, até porque não há mais do que uma resposta por cartão. A fixidez dos modos de apreensão encontra-se na sua distribuição no protocolo: seis cartões tratados em respostas globais e três em respostas de grande detalhe. Estas características denunciam a ausência de movimento no seio dos processos de pensamento: o ângulo de perspectiva é definitivo, a focalização estabelece-se, uma vez por todas, sem possibilidades de modificação.

As condutas subjacentes aos modos de apreensão não são absolutamente idênticas: se os G e os D estão associados a respostas banais, mostrando vestígios sólidos de uma

adaptação, estão também associados a respostas de má qualidade formal pela emergência de elementos projectivos. Do conjunto das 6 G, duas marcam uma inscrição socializante e adaptada (G Ban nos cartões V e VI) e duas marcam a falha do controlo perceptivo e encenam uma figura imagóica potente e angustiante (cartões VII e IV). A primeira G (cartão I) assinala uma qualidade perceptiva radicada na realidade e a última (cartão X) procede a um controlo pulsional eficaz. Também a abordagem parcelar (D), bem menos utilizada (33%), obedece às mesmas tendências opostas: as respostas D aparecem associadas ou a mecanismos de controlo eficientes (cartão VIII) ou à diminuição desse controlo (resposta adicional no cartão II).

O sobreinvestimento da abordagem formal dos cartões (F% elevado que atinge 89%) pode testemunhar a secura do pensamento que luta contra as pressões fantasmáticas. A excessiva formalização mostra o esforço de leitura objectivante do material, que tenta eliminar o seu contributo subjectivo. Este sobreinvestimento da forma põe em evidência o esforço para circunscrever os perceptos, ao conservar as barreiras que deveriam garantir a sua identidade. Convém notar que o F+% obedece às normas, o que parece afastar a hipótese de uma ruptura com a realidade perceptiva. Isto, considerando que as respostas anatomia (cartões I e III) têm uma qualidade formal adequada, tal como defende Beizmann (1966). Se, pelo contrário, as considerarmos de má qualidade, por se tratarem de duas respostas anatómicas ósseas, então o F+% torna-se reduzido, igual a 50%, assinalando a derrapagem da adaptação perceptiva e a fragilidade da imagem do corpo e da identidade.

Nos cartões vermelhos parece haver dificuldade em integrar as experiências sensoriais, na medida em que elas remetem para vivências corporais cuja dimensão intrusiva é sentida como perigosa (F- no cartão II), chegando mesmo a anular a diferença entre dentro e fora (resposta «Anat» no cartão III). A conotação mórbida destas respostas aumenta quando elas não são acompanhadas de respostas humanas inteiras. Este tipo de respostas costuma significar que as fronteiras entre Eu e não-Eu desaparecem quando as estimulações se tornam demasiado excitantes. A falência do controlo formal encontrada no cartão VII (e no cartão IV representada pela tendência Clob) está ligada a mecanismos da ordem da projecção que vêm deformar os perceptos.

A fragilidade dos envelopes corporais e o sobreinvestimento dos limites aparecem em respostas «pele» presentes no protocolo. Estas encontram-se em conteúdos como «máscara» (cartão I), «crosta», «carapaça» (cartão IV), «apresentador de televisão» (comentário no

cartão VIII) e desaparecem nos cartões vermelhos que suscitam conteúdos «Hd» (resposta adicional no cartão II) e «anat» (cartão III), pondo em evidência o ataque do envelope corporal. Este investimento dos limites, associado à prevalência dos modos de apreensão global, revela os importantes esforços para manter um controlo suficiente sobre os objectos internos, cujas escapadelas se afiguram perigosas pelos seus efeitos desorganizantes. Como se houvesse uma alternância entre momentos adaptativos muito colados à percepção da realidade externa («pele de animal» no cartão VI) e momentos projectivos em que essa mesma realidade é deformada («crosta de tarântula» no cartão IV), sem que nenhum compromisso entre os dois tipos de conduta seja verdadeiramente possível.

Assim, as condutas cognitivas não podem dispor da liberdade que permitiria ao pensamento articular representações com fins criativos. Isto porque o trabalho consiste em cortar os processos intelectuais das suas fontes fantasmáticas e pulsionais sentidas como perigosas e geradoras de angústia. Não pode portanto haver enriquecimento do funcionamento intelectual com o contributo do imaginário, já que este é demasiado ameaçador e terrível para ser integrado.

O tipo de ressonância íntima *coartativo*, onde o número de K é igual a 0 e a soma das respostas C atinge 0.5, revela dificuldades fundamentais na integração da representação de si. A ausência de K, juntamente com a ausência de respostas humanas, indica profundas falhas nas identificações primárias. Tendo em conta que qualquer pulsão se exprime nos registos do afecto (respostas C) e da representação (respostas K), a ausência de determinantes K associada a uma expressão mínima dos determinantes C, coloca a questão do destino das pulsões – aparente morte pulsional que exige uma reflexão sobre as ligações entre pulsão e pensamento: “Os efeitos dos ataques do pensamento pela pulsão são traduzidos nos protocolos de Rorschach por um último recurso ao percepto, à referência das formas, membrana pelicular que não chega verdadeiramente a desempenhar um papel diferenciador entre dentro e fora, nem tão-pouco a assegurar uma superfície que contém. Os envelopes perceptivos dos objectos, à semelhança das imagens corporais que brotam repetitivamente dos protocolos, são esburacados, permeáveis, enfraquecidos, fragmentados ou vazios” (Chabert, 2000, p. 196).

De facto, para ser representada, a pulsão deve ser contida um espaço psíquico; não é representável (falta cinestésica) quando há indiferenciação dentro/fora e importantes

fraquezas dos envelopes corporais e psíquicos. Os K, que evidenciam a dupla contingência interno/externo do sujeito, servem de tradutor da função mediadora do Ego e, por conseguinte, da capacidade do sujeito para se situar numa área transitiva, que aqui aparece dificultada. A cinestesia de objecto que aparece no cartão X pode ser interpretada num sentido de vitalidade e prazer, conferindo uma ténue importância à fonte interna pulsional. Mas a reactividade sensorial mínima mostra o controlo formal contra uma invasão pela afectividade. Se os afectos estão reprimidos de forma drástica é porque a sua expressão constitui um perigo de invasão e de confusão (cartões II, III e IX).

Em suma, neste protocolo os processos de identificação estão bloqueados num sistema desvitalizado, o confronto relacional é impensável e a representação de si é fortemente recusada. Por outro lado, a sensibilidade ao meio é por vezes susceptível de engendrar riscos de arrombamento. Estes elementos parecem concorrer para um funcionamento patológico, se não considerarmos que pertencem ao protocolo Rorschach de um adolescente.

IX. DISCUSSÃO

Ficou explícito que “o sentimento de identidade pessoal assenta sobre uma vivência unitária que é o ponto de partida para todos os processos de diferenciação e de identificação da pessoa. Assim, a representação de si engloba tanto a imagem do corpo como as relações que gravitam à sua volta, as relações que são suscitadas por essa imagem, estruturando-a por sua vez. As respostas concentram em si quer o investimento narcísico, quer o investimento do outro e são disso reveladoras” (Rausch de Traubenberg, 1983, p.32).

Observa-se neste protocolo Rorschach uma preocupação de David em delimitar os perceptos pela tendência em privilegiar o modo de apreensão global (G), o que normalmente revela uma preocupação do sujeito em se mostrar íntegro face a um meio investido. Preocupação essa que vem, de facto, a revelar-se nas dificuldades a que assistimos de David se mostrar íntegro e completo. Este investimento dos limites traduz a necessidade de se situar, de se delimitar e de se diferenciar em relação aos outros e ao mundo. Estas dificuldades podem inscrever-se nas encontradas em protocolos de adolescentes “normativos” de 13 anos (Emília Marques, 1991): “face a um corpo íntegro e face à emergência do Outro, mobilizados

pelos cartões compactos e bilaterais, surgem dificuldades que revelam um processo de ligação e transformação” (Emília Marques, 2001, p.299).

Este protocolo apresenta também um forte investimento da realidade objectiva, pelo que as imagens de dominância formal (F%) são muito investidas. Isto porque a forte conflitualidade interna da adolescência pode ser neutralizada por um recurso excessivo ao factual, ao a-conflitual. Como se o manter bem presente do real nas suas características objectivas e concretas permitisse organizar o mundo interno vivenciado como impreciso, caótico e turbulento. Neste sentido, este aumento de tensão interna de difícil regulação poderá dar lugar a um funcionamento aparentemente marcado por uma espécie de pobreza fantasmática (Emília Marques, 1991). De facto, no protocolo de David há, por vezes, uma formalização marcada pelo insucesso, quando as fronteiras não permitem uma mediação entre dentro e fora, e surgem ou desabrigadas de conotações fantasmáticas ou desadequadas em relação às particularidades objectivas que tentam respeitar.

Esta referenciação das formas revela também uma membrana que não chega verdadeiramente a desempenhar um papel diferenciador entre dentro e fora, nem a assegurar uma superfície que contém. Assim, outro aspecto importante deste protocolo diz respeito às condutas psíquicas contrastadas que, por um lado, se esforçam por manter a qualidade da relação ao real e que, por outro lado, assumem um registo projectivo e desorganizado. Este funcionamento testemunha a alternância entre movimentos regressivos e movimentos progressivos do processo adolescente. E sabemos que é graças à regressão que se torna possível a exploração de novas realidades de sujeito e de objecto através de processos que vão da clivagem à integração (Emília Marques, 2001).

Ora, a mudança na adolescência, considerada na sua oscilação dinâmica entre continuidade e descontinuidade, entre desligação e ligação, é considerada como «mudança catastrófica», no sentido de Bion, o que permite o estabelecimento de uma nova «barreira de contacto», através da qual se criam novas realidades e novas experiências, que levam a novas relações «continente-conteúdo» e a novas significações (*op. cit.*). Contudo, este protocolo parece denunciar a ausência de um continente nos processos de pensamento, de um espaço psíquico garantido pelos limites entre dentro e fora, onde se manifestariam operações mentais susceptíveis de tecer ligações entre os pensamentos, a fim de assegurar uma coesão interna de base (Chabert, 2000).

Esta barreira seria, portanto, uma espécie de «pele-psíquica» (Bick, 1967), de «ego-pele», de «envelope psíquico» (Anzieu, 1995), que cria, separa e une consciente e inconsciente, realidade e fantasia. Neste protocolo tanto o F% como as respostas «pele» dão conta do estabelecimento de barreiras muito investidas entre dentro e fora. Aliás, a alternância entre a ausência e a presença de uma pele continente e protectora é evidente. Se as respostas F permitem apreender em que medida o sujeito é capaz de dar um contorno que estabelece fronteiras entre dentro e fora, as respostas «pele» evocam uma superfície delimitante entre interno e externo (Chabert, 2000). Segundo Emília Marques (2001), na adolescência propriamente dita surge uma barreira entre dentro e fora ainda endurecida, apesar de haver uma melhor separação entre interno e externo. Assim, estes aspectos do protocolo parecem traduzir o trabalho adolescente de diferenciação e integração. Isto sem esquecermos que, neste protocolo, o essencial das produções se deve a uma estrita alternância entre o surgimento de imagens do dentro e o apego defensivo ao fora.

Nesta linha, algumas respostas de David assinalam a falência das funções do ego-pele: As respostas dadas nos cartões vermelhos que indicam uma insuficiência da função de pára-excitação; A quase ausência de cinestésias, resultante da não-representabilidade de si e das pulsões, que sugere uma carência da função continente (para ser representada a pulsão tem ser contida num espaço psíquico); A importância atribuída a uma barreira protectora capaz de encobrir um envelope com buracos pelos quais se escapam emergências fantasmáticas. Segundo Esther Bick (1967) o mal funcionamento da «primeira pele» pode conduzir à formação de uma «segunda pele» – prótese protectora que substitui a função continente da pele. Mas sabemos que o processo adolescente de estabelecer novas diferenciações conduz a uma falta de segurança e a uma confusão com o objecto, o que mobiliza o uso excessivo da identificação projectiva (Amaral Dias; cit. por Emília Marques, 2001).

Esta pele psíquica pode, portanto, ser mais ou menos porosa, impermeável ou quase inexistente, devendo permitir a circulação e as trocas entre consciente e inconsciente, de modo a que a pessoa não fique presa na realidade, a um mundo sem criatividade, ou aferrada ao seu mito pessoal e mentiroso, ou perdida no mundo imaginário da fantasia sem aceder ao simbólico (Fátima Cabral, 2001). A falência da dialéctica psicológica entre realidade interna e realidade externa conduz sempre a um estado de estagnação que impede o crescimento mental (Ogden, 1985). A este propósito, as cinestésias no Rorschach são um índice de aptidão de um

sujeito para se situar numa área transitiva, uma vez que evidenciam a dupla contingência interno/externo (Chabert, 1998).

Neste protocolo Rorschach, a quase ausência de K evidencia a dificuldade de David se situar numa área de funcionamento transitivo. Como vimos, o espaço adolescente é um espaço incerto de fronteiras moventes que procuram firmar-se entre o interno e o externo e afirmar-se entre o Eu e o Outro. Esta necessidade de estabelecer novas diferenciações acarreta desequilíbrios entre a difusão e a crispação. É este balanceamento de uma identidade desestabilizada que dificulta a aceitação do paradoxo da área de experiência em que se situam os fenómenos transitivos. Desta negociação contínua entre tendências opostas deveriam surgir novos equilíbrios e novas capacidades adaptativas, a serem integrados na identidade do adolescente. Mas este protocolo testemunha a incapacidade de David de se entregar ao jogo com objectos que não são internos nem externos, de superar a clivagem entre o dentro e o fora.

Outro aspecto relevante deste protocolo Rorschach diz respeito às imagens de interior do corpo e às imagens parciais, que parecem sugerir uma ausência de integridade da imagem do corpo. Sabemos que o trabalho psíquico adolescente passa pela integração e reelaboração da representação do corpo infantil para conferir a um novo corpo um sentido, de modo a manter uma representação corporal íntegra (Emília Marques, 2001). Mas sabemos também que a falta de integração da representação do corpo testemunha a extrema fragilidade de um envelope continente, incapaz de juntar as diferentes partes do corpo, à imagem de um Eu desmantelado (Chabert, 2000).

Neste protocolo não há uma representação directa de si, nem através da relação: ausência de imagens humanas, de grandes cinestésias e de cinestésias animais. Vejamos, a este propósito, os dados de dois grupos de protocolos de adolescentes “normativos”, um de rapazes de 13 anos e outro de rapazes de 17 anos, estudados por Emília Marques (1991): no grupo dos rapazes mais novos encontra-se uma grande diversidade de representações humanas e para-humanas, animais e para-animais, femininas e masculinas, cuja oscilação atesta uma busca activa de identificação sexual conducente a imagens onde a identidade subjectiva surge ameaçada; no grupo dos rapazes mais velhos diminui a representação directa de si (abaixamento das percentagens de H e A) e a representação de si através da relação (número

de K diminuto), mantendo-se embora H% e K dentro dos valores normativos. O que não acontece neste protocolo dada a ausência de imagens humanas e de grandes cinestésias.

Inscrevemos esta falta de representação directa de si na dificuldade de David em se situar na área intermédia entre a realidade interna e a realidade externa, sem cujos desenvolvimento, manutenção e existência o sujeito não se pode reconhecer como Eu, como si-próprio (Pontalis, 1999). Esta impossibilidade de David se situar numa terceira área, que autorizaria um jogo potencial entre o real e o imaginário, resulta da clivagem entre duas atitudes coexistentes, uma que tem muito em conta a realidade (banalidades nos cartões V, VI e VIII) e outra que separa o Ego dessa realidade (respostas aos cartões II e VII), sem que se estabeleça uma relação dialéctica entre elas.

Ao nível da expressão pulsional assiste-se neste protocolo à projecção das pulsões tanto libidinais como agressivas, sendo as últimas marcadas pela oscilação entre o activo e o passivo. Esta negociação entre posições activas e passivas, masculinas e femininas testemunha as vicissitudes da construção de uma identidade sexual estável na adolescência que deverá ser feita face ao Outro extrafamiliar e sexuado (Emília Marques, 1991, 2001).

Por último, destacamos neste protocolo uma expressão directa de angústia resultante da forte implicação projectiva que arrasta uma representação persecutória da imago materna pré-genital; o que, a par de uma ausência de representação directa de si, nos coloca na encruzilhada entre os processos evolutivo e patológico. Se alguns dos elementos aqui evidenciados se afiguram como preocupantes, o número reduzido de respostas dadas não nos permite averiguar melhor as capacidades adaptativas do sujeito pela secundarização. Inegável é o facto de estarmos face a um funcionamento mental pouco flexível onde o interno e o externo se confrontam sem grande espaço para negociação.

No dizer de Amaral Dias (1988), a perda dos significados dos eixos mentais que se estruturam desde o princípio da vida num sentido progressivo e diferenciador, e que têm por base a identificação, constituindo e constituindo-se na relação de objecto, do bom e do mau, do presente e do ausente, até à representação mais elaborada do masculino e do feminino, faz com que o mundo psíquico seja um espaço sem espaço, onde nada se pode passar excepto a evacuação de pseudo-representações incontidas porque não suportáveis.

X. CONCLUSÃO

Ao incidir sobre a adolescência, o presente trabalho afigura-se-nos também, à semelhança da identidade do adolescente, como flutuante, entre o normal e o patológico, entre o evolutivo e o regressivo, entre o genital e o pré-genital. Mas, se nos propusemos ao estudo do espaço psíquico na adolescência (embora sem pretensões de extrapolar, pelo que este estudo é sobre o espaço psíquico de *um* adolescente), então pudemos evitar um diagnóstico diferencial, a favor de tentarmos alcançar os objectivos propostos, sendo o mais importante a compreensão do adolescente envolvido. Se toda a criação ocorre num espaço de jogo com fronteiras móveis, então quaisquer conclusões jamais serão conclusivas mas sempre abertas a novos sentidos.

Para Coimbra de Matos (comunicação pessoal, 1 de Dezembro, 2008) a intenção da mãe para com o bebé precede a intenção deste para com ela. É pois a mãe quem dá o primeiro passo para a instauração de uma inter-intencionalidade. Tendo em conta que a intenção precede a acção, estabelece-se então uma inter-acção. No seu todo, a relação define-se pela inter-subjectividade. A mãe de David, quando estava grávida deste filho, perdeu a sua mãe. Acerca das implicações desta perda da figura materna e maternal sobre a mãe de David, no momento em que estava grávida, em que mais se lhe impunha ser mãe, só podemos especular. Abstractamente, podemos supor uma possível restrição da função continente-conteúdo na intersubjectividade mãe e filho, com o que comprometeria ao nível do sentir e pensar da criança. Do que nos foi dito retemos que David cresceu num ambiente familiar matriarcal, onde a mãe exerceu autoridade preponderante e o pai desempenhou um papel passivo. Isto até à rotura pelo pai dos laços com a família.

Com esta súbita e definitiva rotura, a mãe terá ficado, como ela mesmo afirma, fragilizada e depressiva, pelo que David lhe terá dado o seu apoio e se terá implicado no conflito parental; pelo que David se terá tornado “pai” e a barreira intergeracional que o protegia contra os desejos incestuosos se terá esbatido. Em seguida, a mãe de David refere que o filho começou a chorar muito, a pressentir que algo iria correr mal, a pedir-lhe para não o abandonar e a fazer planos para matar o pai e a “amante” deste. O que nos evoca um “terror sem nome”, possivelmente resultante da colisão da identificação projectiva da mãe na identificação projectiva de David.

De facto, no protocolo Rorschach de David encontramos elementos que parecem assinalar insuficiências na introjecção da função continente-conteúdo, por exemplo: o registo projectivo de valência persecutória, num enunciado verbal (♀) fragmentado pelo impacto emocional (♂), revelador da evacuação de elementos beta (impressões sensoriais na resposta ao cartão IV); a não representação da «coisa-em-si» nas recusas aos cartões que traduz o evitamento da dor mental inerente ao processo de conhecimento. Aliás, a leitura pouco profunda do material, que denuncia a ausência do vínculo de conhecimento, surge como atitude defensiva contra a emergência de representações e/ou afectos. Estes aspectos parecem revelar a falência da função de conter e significar, da função alfa e do aparelho de pensar os pensamentos.

Ora, a identificação projectiva está ao serviço da formação do espaço psíquico, já que serve à expansão do Eu num objecto que pode conter as partes desconhecidas do sujeito, para alargar o espaço psíquico deste ao dar sentido ao que não tinha nome. O que significa que a relação continente-conteúdo participa na organização da mente e do espaço para a mente existir. Mas não só pela identificação projectiva se constrói o espaço psíquico, cujas diferenciação e complexificação vão depender da natureza e da qualidade das progressivas identificações (Amaral Dias, 1988).

Quanto às dificuldades de representação directa de si e da relação, encontradas no protocolo Rorschach de David, podemos tentar inscrevê-las no processo adolescente de estabelecer de outro modo a identidade e as relações consigo e com os outros. Mesmo a cisão encontrada ao nível da imagem do corpo (que remete para a insuficiência de uma «primeira pele») surge contrabalançada com uma representação corporal íntegra, o que atesta essas dificuldades de representação de um corpo desconhecido. Contudo, por estarem muito presentes, estes aspectos podem resultar também de um não-espaço de relação interna e externa, da não construção de um espaço psíquico organizado, coeso e interior, logo da ausência de um espaço para as representações, de um espaço oriundo das identificações. Pelo que resta um mundo psíquico bidimensional, um espaço sem espaço, onde nada se pode passar excepto a evacuação de pseudo-representações incontidas (Amaral Dias, 1988).

Ausência, portanto, de um espaço psíquico entre o externo e o interno, de uma área intermédia, entre o Eu e o não-Eu, entre a ausência e a presença, capaz de permitir o jogo com objectos do fora e do dentro, a relação criadora dessas duas ordens de realidade, que aqui

surge comprometida. Pelo que David diz que não gosta muito de arte, que lhe custou “ligar a pintura a outras coisas”. O que revela a sua dificuldade em se situar nesta terceira área, onde se supera a clivagem e se origina a criatividade, sem a qual o indivíduo não se pode experienciar como Eu, como si-próprio (que encontra nesse entre-dois).

Na adolescência, a identificação projectiva tem função de crescimento, pois o seu fim é elaborativo e de vinculação ao meio. Mas, neste protocolo, a emergência de uma imago materna perigosa, por clivagem e identificação projectiva, surge sem haver possibilidades de elaboração. De facto, estes mecanismos revelam-se enraizados e pouco potenciadores de movimentos de integração. Também na história de David encontramos estes mecanismos bastante instaurados, se considerarmos a clivagem da mãe, numa mulher a proteger e noutra a aniquilar (aquela que afastou o pai, quer seja a “amante” deste, quer seja a própria mãe), e do pai, num homem passivo e noutro abandonico, logo agressivo, tal como David por identificação. Quando a clivagem e a identificação projectiva predominam, a ambivalência da posição depressiva torna-se inacessível. E quando o tipo de ligação de ódio prevalece, o vínculo K, de conhecimento, da procura de si, encontra-se barrado.

Todavia, David, ao aderir à tarefa que lhe foi proposta para a realização do presente trabalho, revela tanto a exploração de novas oportunidades objectais como o desejo de elaborar as partes do Eu projectadas. Trata-se, portanto, do tipo de identificação projectiva que intervém na estruturação do vínculo empático. Pelo que seria importante um trabalho clínico que lhe permitisse um espaço para as representações, um espaço originário das identificações, em suma, um espaço psíquico capaz de dar sentido ao inominável.

Por fim, incidimos o nosso vínculo K sobre a citação de Saramago (1984, p.196): “E o escuro ruído da chuva é constante em meu pensamento” (intromete-se no meu pensamento, o exterior escuro e desconhecido que não permite divisar para além dele), “meu ser é a invisível curva traçada pelo som do vento” (meu ser indefinível, indivisível, que se difunde no exterior, é contido pelo som do vento, que o circunscreve), “que sopra desaforado, cavalo sem freio e à solta” (impulsivo, do dentro do meu ser e do fora pelo meu ser), “de invisíveis cascos que batem por essas portas e janelas” (desta casa só minha, onde me devo encontrar, na solidão, com portas e janelas ainda fechadas, mas que encerram a possibilidade de serem abertas, para avistar o firmamento, o horizonte de possibilidades que se me oferece até ao infinito).

XI. REFERÊNCIAS

- Amaral Dias, C. (1988). *Para uma psicanálise da relação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Amaral Dias, C., & Fleming, M. (1998). *A psicanálise em tempo de mudança*. Porto: Edições Afrontamento.
- Amaral Dias, C., & Nunes Vicente, T. (1984). *A depressão no adolescente*. Porto: Edições Afrontamento.
- Anzieu, D. (1993). Une approche psychanalytique du travail de penser. *Journal de la psychanalyse de l'enfant*, 14, 146-168.
- Anzieu, D. (1995). *Le Moi-Peau* (2ª ed.). Paris: Dunod.
- Anzieu, D. (1997). *Crear/Destruir*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva. (Tradução do original em língua francesa Créer/Détruire. Paris: Dunod, 1996).
- Beckett, S. (2002). *À espera de Godot* (2ª ed.). Lisboa: Edições Cotovia.
- Beckett, S. (2006). *Novelas e textos para nada*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Beizmann, C. (1966). *Livret de cotation des formes dans le Rorschach*. Paris: Éditions du Centre de Psychologie Appliquée.
- Bick, E. (1967). A experiência da pele em relações de objecto arcaicas. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica* (Vol. 1, pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago.
- Cabral, F. (2001). Comentário à conferência de Celeste Malpique: «O mito sagrado e secreto de cada um de nós». *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 22, 45-48.

- Celan, P. (1998). *A morte é uma flor*. Lisboa: Edições Cotovia.
- Chabert, C. (1998). *O Rorschach na clínica do adulto*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Emília Marques, M. (2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach* (2ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Emília Marques, M. (1991). As manifestações dos mecanismos adaptativos/defensivos nos Rorschach de adolescentes. *Análise Psicológica*, 2, 203-209.
- Emília Marques, M. (1994a). Do desejo de saber ao saber do desejo: contributos para a caracterização da situação projectiva. *Análise Psicológica*, 4, 431-439.
- Emília Marques, M. (1994b). A metodologia projectiva e a avaliação psicológica na(s) adolescência(s): os sentido(s) do(s) sentido(s). *Análise Psicológica*, 4, 473-479.
- Emília Marques, M. (2005). Avaliação do adolescente e do risco. *Análise Psicológica*, 1, 19-26.
- Emília Marques, M., & Aleixo, P. (1994). O Rorschach e a revelação do trabalho de ligação e de transformação do interno e do externo. *Análise Psicológica*, 4, 459-462.
- Fleming, M. (1990). O processo de separação/individuação adolescente: contribuições da teoria psicanalítica. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 10/11, 89-101.
- Fleming, M. (2001). «Era (eu) uma vez...»: Uma escuta psicanalítica sobre o secreto de cada um. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 22, 49-55.
- Fleming, M. (2004). *Adolescência e autonomia* (3ª ed.). Porto: Edições Afrontamento.

- Freud, S. (1923/2001). O Ego e o Id. In Francisco Lyon de Castro (Ed). *Textos Essenciais da Psicanálise*. (Vol. III, pp. 18-27). Mem-Martins: Publicações Europa América.
- Grotstein, J. S. (1978). Inner space: its dimensions and its coordinates. *International Journal of Psychoanalysis*, 59, 55-61.
- Grotstein, J. S. (2003). *Quem é o sonhador que sonha o sonho? Um estudo de presenças psíquicas*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Houzel, D. (1987). Le concept d'enveloppe psychique. In D. Anzieu, D. Houzel, A. Missenard, M. Enriquez, A. Anzieu, J. Guillaumin, J. Doron, E. Lecourt, & T. Nathan (Eds.), *Les Enveloppes Psychiques* (pp. 22-54). Paris: Dunod.
- Houzel, D. (1995). *Origine du monde, origine d'un monde ou comment briser une symétrie*. Manuscrito não publicado.
- Malpique, C. (2001). O mito sagrado e secreto de cada um de nós. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 22, 35-43.
- Mann, T. (1981). *A montanha mágica*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- Meltzer, D. (1975). Adhesive identification. *Contemporary Psychoanalysis*, 11, 289-310.
- Meltzer, D. (1991). Dimensionality as a parameter of mental functioning: its relation to narcissistic organization. In D. Meltzer, J. Bremner, S. Hoxter, D. Weddell, & I. Wittenberg (Eds.), *Explorations in Autism. A psycho-analytical study* (pp. 223-243). Oxford: Clunie Press.
- Milheiro, J. (2001). Mistérios (secreto... sagrado... sexual). *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 22, 5-33.

- Ogden, T. H. (1995). On potencial space. *International Journal of Psycho-Analysis*, 66, 129-141.
- Pontalis, J. B. (1999). *Entre o sonho e a dor*. Lisboa: Fenda Edições.
- Rausch De Traubenberg, N. (1983). Representação de si e relação de objecto. Grelha de representação de si. *Análise Psicológica*, 1, 31-40.
- Rausch De Traubenberg, N., Bloch-Lainé, F., Duplant, N., Martin, M., & Poggionovo, M. P. (1993). Le Rorschach a l'adolescence: la clinique du normal. *Bulletin de la Société du Rorschach et des Méthodes Projectives de Langue Française*, 37, 7-39.
- Saramago, J. (1984). *O ano da morte de Ricardo Reis* (3^a ed.). Lisboa: Editorial Caminho.

XII. ANEXOS

Protocolo de Rorschach de David, de 16 anos

<p>I – 2”</p> <p>«Nunca fui muito bom em arte, mas acho que isto, aquela coisa que se dobra e tem um eixo, uma simetria e faz a mesma imagem. Eu já fiz isto...»</p> <p>1. [Instrução com acento na imaginação]</p> <p>«Não faço a mínima. Uma costeleta de um frango... [?] Acho que não há mais nada aqui.»</p> <p>9’55”</p>	<p>«Tinha visto assim V... Agora já não me lembro. A parte... a zona do esqueleto. Isto dá a ideia que é um esqueleto de um frango. Isto [D] não.»</p>	<p>Crít. Subj. Obs. sim.</p> <p>G/ F+ Anat A</p>
<p>II – 45”</p> <p>«Aqui não vejo nada, mas acho que é a mesma coisa, um eixo de simetria e pronto. [instrução] [silêncio de 12”] Não consigo imaginar mesmo nada.»</p> <p>2. «Isto lembra-me os sapatos de uma mulher, mas de resto não me lembra nada...»</p> <p>[vê verso do cartão]</p>	<p>«Tinha dito que tinha visto uns sapatos de mulher. Aqui [Ddbl] parecia-me umas pernas.»</p>	<p>Obs. sim.</p> <p>D F– Obj.</p> <p>[Resp. adic.: Ddbl F– Hd]</p>
<p>III – 20”</p> <p>3. «A parte escura lembra-me um esqueleto, uma bacia, não sei bem como se diz...»</p> <p>«Também tem o mesmo eixo de simetria.»</p>	<p>«Acho que tinha dito o esqueleto humano. A zona preta. Tipo a bacia.»</p>	<p>D F+ Anat. Obs. sim.</p>
<p>IV – 30”</p> <p>4. «Isto lembra-me a crosta de um... um coiso, de uma tarântula...»</p>	<p>«Uma carapaça de uma tarântula. Aqui [D] eram os tentáculos onde se injecta o veneno. Aqui uns pêlos.»</p>	<p>G FE A →Clob</p>
<p>V – 2”</p> <p>5. «Isto é um morcego. [sorri] Pode não parecer muito, mas é o que me vem à cabeça.»</p>	<p>«Nesta disse que era um morcego pelas asas.»</p>	<p>G F+ A Ban</p>

<p>VI – 25”</p> <p>6. «Isto não me lembra nada. [silêncio] Lembra-me as peles de, de, as peles do coiso, de... tipo, espécies de mamífero e isso. Peles no chão e isso, é o que me lembra.»</p>	<p>«Nesta tinha dito que era uma daquelas peles, que se metem no chão, dos animais, pelo facto de estar espalhada. Pelos recortes e isso. Por estar toda plana e não ter nenhuma dimensão tipo 3D.»</p>	<p>G F+ A Ban</p>
<p>VII – 12”</p> <p>7. «Não me lembra nada. [...] [Instrução] Uns tentáculos de uma aranha, só se for...»</p>	<p>«Nesta disse que eram tentáculos. [?] Tipo pinças.» [aponta com o dedo]</p>	<p>G F– Ad →Perseveração</p>
<p>VIII – 33”</p> <p>8. «Isto não me lembra nada [...] (<) Parece que ‘tá aqui um leão, aqui. Dois leões, aqui. Não sei, este não me lembra nada.» [«Agora sou tipo apresentador de televisão» [?] Por causa dos cartões»]</p>	<p>«Que eram tipo leões... Que era tipo um brasão [G]. Dois leões, aqui, a subir (Λ).»</p>	<p>D F+ A Ban. [Resp. Adic.: G F +- Embl.] Comentário</p>
<p>IX – 35”</p> <p>«Isto não me lembra nada [...] [<VΛ] Não...»</p>	<p>«Nesta não me lembro de nada.»</p>	<p>Recusa Choque</p>
<p>X – 12”</p> <p>9. «Também [...] Não consigo ver nada. [instrução] Talvez fogo de artifício, aqui, mas...»</p>	<p>«Esta também não respondi. Tinha fogo de artifício, dava a ideia de festa, mas não tenho uma ideia concreta.»</p>	<p>G kobC Expl.</p>

Inquérito aos Limites:

I «Tipo uma máscara de carnaval.» [Gbl F+ Masc.]

II «Se calhar neste, uma lingua de fora, os olhos, boca aberta, o nariz...» [G informulado]

III [?] V «Não vejo nada.»

Escolha	VI «porque esta lembrou-me as peles»
+:	I «e esta uma máscara... e a parte da frente de uma mota, a entrada de ar aqui, e os faróis»
	VII «porque me lembrou os tentáculos de uma aranha e fiquei um bocado, não
Escolha -:	gostei»
	IX «e este porque não me lembrou nada»

Psicograma				
R 9	G 6 67%	F 8 (6+, 2-)	A 4	F% 89%
Recusas 1 IX	(1 G/)	kobC 1 (kob1,	Ad 1	F+% 75%
TT 30'20"	D 3 33.3%	C1)	Anat 2	A% 55.5%
T lat médio 22"		FE 1	Obj 1	H% 0%
T resp 3'36"			Fogo 1	Ban 3
T. Ap. ↑↑G ↓↓D				
TRI 0K / 0.5ΣC				
FC 1k / 0.5ΣE				
RC% 22%				
Elementos Qualitativos: crítica subjectiva (I), observação simetria (I, II, III), →perseveração (VII), comentário subjectivo (VIII), →Clob (IV), recusa (IX), (→recusa II, VI, VII, VIII, X), choque (IX).				

ESPAÇO MENTAL NA ADOLESCÊNCIA ATRAVÉS DO RORSCHACH

Fronteiras	Modos de apreensão global (G) e grande detalhe (D)	Preocupação em delimitar os perceptos pela tendência em privilegiar estes modos de apreensão, o que revela uma preocupação em se mostrar íntegro face ao meio investido, para assegurar uma clara delimitação, como acontece na puberdade; Ou ausência da necessidade de investimento dos limites na adolescência propriamente dita.
	F% e F+%	As formas constituem o envelope perceptivo das imagens, contendo o contorno das representações que nelas se figuram. F% e F+% permitem apreender em que medida o sujeito é capaz de dar às coisas um contorno que estabelece fronteiras estáveis entre dentro e fora, que traduz a distinção entre o sujeito e o seu mundo envolvente.
	Respostas «pele»	Respostas cujo conteúdo se refere a um envelope ou a um continente; podem tratar-se de respostas H, A, Obj ou outras, mas, qualquer que seja o conteúdo, evocam sempre uma superfície delimitante entre dentro e fora. Reenviam para os envelopes corporais dos quais traduzem as virtudes delimitantes e as lacunas que elas se esforçam por colmatar. Investimento dos limites que testemunha a necessidade de se situar, de se delimitar e de se diferenciar em relação aos outros e ao mundo (puberdade); Barreira entre dentro e fora ainda endurecida apesar de haver melhor separação entre interno e externo (adolescência propriamente dita).
Interior/exterior	Imagens de dominância formal	Na puberdade, o investimento dos limites não é acompanhado por um investimento da realidade objectiva: imagens de dominância formal pouco investidas. Destaca-se contudo que a adequação formal existe – visível através do F% alargado aceitável; Na adolescência propriamente dita há uma maior adequação e conformidade à realidade objectiva – F%, F+%, K, H%, Ban dentro dos valores normativos.
	Cinestésias (K) e respostas cor (C)	As cinestésias (K) e as respostas cor assumem papel relevante, embora a adequação formal exista. Apesar da forte pressão interna/externa não há perda de controlo (puberdade); Maior adequação e conformidade à realidade objectiva, e menor expressão de tensões internas (adolescência propriamente dita).
	Conteúdos	Maior leque de conteúdos, maior balanceamento e maleabilidade, sem que se expresse uma temática muito clara. Peso maior dos conteúdos regressivos que atestam o recurso a mecanismos narcísicos dominados pelo retraimento libidinal (puberdade); Expressão reduzida, tomando especial significado as imagens parciais (Hd) e as respostas Anatomia, sem se verificar nada de fixo e repetitivo. Maior centração sobre imagens parciais e sobre referências corporais que revela uma recrudescência da angústia de castração, face à qual se impõe o recurso a imagens de interior do corpo como eixo organizador (adolescência propriamente dita).

		Número de respostas (R)	Número de respostas elevado porque decorrente de tensões internas intensas (puberdade); Número de respostas reduzido pelo abrandamento da tensão pulsional (adolescência propriamente dita).
	Pulsionalidade	Pulsões libidinais e/ou agressivas	Maior oscilação entre uma expressão objectal e não objectal. A um investimento no objecto externo sucede-se um investimento do objecto interno e vice-versa. A expressão da agressividade domina, mas é marcada por uma oscilação entre o activo e o passivo, e o agredir e o ser agredido (puberdade); A expressão pulsional é mais estável mas menos presente. Continua a dominar a expressão da agressividade, mas esta é mais mentalizada embora não apareça ainda inscrita no relacional (adolescência propriamente dita); A pulsão não é representada se houver indiferenciação dentro/fora e importantes fraquezas dos envelopes corporais e psíquicos.
Dialéctica entre dentro e fora	Espaço potencial		Análise das cinestésias como índice de aptidão de um sujeito para se situar numa área transitiva, dado que estas respostas resultam do compromisso entre a percepção e a projecção. Prevêem-se dificuldades do adolescente em aceitar o paradoxo desta área de experiência, de se entregar ao jogo com objectos internos e externos. A falta cinestésica traduz a não-representabilidade da pulsão, a morte do desejo e a recusa da relação ao outro.
	Ego-pele		Ego-pele apreendido pela dialéctica entre dentro e fora, pelas respostas «pele» e pelos determinantes formais, cinestésicos e sensoriais.
	Barreira de contacto, função alfa, aparelho de pensar		A transformação em símbolos, o pensamento, as respostas Rorschach ocorrem sempre pela relação continente-conteúdo, através da capacidade de <i>rêverie</i> e da função alfa. Este processo de formação de símbolos visa a estabilização do mundo psíquico, através da identificação projectiva, após a vivência de caos produzida pela situação de teste, e procura restaurar a completude do objecto, preservando a integridade do Ego. A relação dinâmica entre conteúdo e continente, e entre dispersão e integração participa na formação do aparelho de pensar os pensamentos.
Identidade e identificações	Kinestésias (grandes e pequenas), imagens humanas inteiras (H) e parciais (Hd) e imagens animais (A)		Na puberdade é esperado um número de grandes cinestésias (K) elevado acompanhado de um número de imagens humanas (H%) elevado (inteiras e para-humanas); uma grande diversidade de representações humanas e para-humanas, animais e para-animais, femininas e masculinas, predominantemente inteiras. A presença destas imagens é marcada por uma permanente oscilação e atesta uma busca activa de uma identificação sexual estável. Esta busca de identificação conduz a imagens onde a identidade subjectiva aparece pouco estável, mas sem se assistir a imagens reveladoras de falhas fundamentais; Na adolescência propriamente dita, a necessidade de representação de si diminui, marca-o o abaixamento das percentagens de H e A, bem como da implicação projectiva. Deixa também de haver expressão da representação de si através da relação, atesta-o o número de K diminuto. Aparecem preocupações

		centradas sobre o corpo, vivido como atingido. Os elementos à castração são muito presentes: maior presença de imagens parciais, preocupações sobre a imperfeição dos cartões, comentários ou mesmo imagens onde a elementos viris são dadas características de pequenez.
Defesas	Da clivagem à integração	Na adolescência espera-se que os mecanismos de defesa sejam variados e flexíveis, à exceção dos cartões II, IV e VI susceptíveis de mobilizar defesas mais rígidas, como a inibição e o recalçamento. Contudo, apesar da presença de uma forte implicação projectiva, a possibilidade de recurso a defesas com valor de desimpedimento deverá dominar; A não existência de alternância entre defesas primitivas e evoluídas – tal como a nível do pensar é esperada a alternância entre desintegração e integração – revela um possível processo psicopatológico.